



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Natália Susin Pradella

Caxias do Sul, 2020.



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PULSÃO ESCÓPICA: POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O CORPO FEMININO

Trabalho realizado como requisito parcial para
aprovação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob
orientação da Profª Dra. Tânia Cemin Wagner.

Natália Susin Pradella

Caxias do Sul, 2020.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão primeiramente para a professora Tânia, por toda a orientação e dedicação necessária para a construção deste trabalho. Gostaria de agradecer também a todos os professores e supervisores que tive ao longo da graduação em Psicologia, pois todos contribuíram para o meu processo de formação profissional. Aos colegas que sempre me ajudaram, ou de certa forma acolheram minhas angústias.

Gostaria de agradecer a meus pais, por toda a ajuda e suporte que tive ao longo da formação. Por participarem de todos os desafios e conquistas. À minha psicanalista, que inspirou minha escolha pela Psicanálise.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
OBJETIVOS.....	8
Objetivo Geral.....	8
Objetivos Específicos.....	8
REVISÃO DE LITERATURA.....	9
Pulsão Escópica.....	9
O corpo para a Psicanálise.....	15
Corpo Feminino.....	17
MÉTODO.....	22
Delineamento.....	22
Fontes.....	22
Instrumentos.....	23
Procedimentos.....	24
Referencial de Análise.....	24
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Categorias de análise e suas respectivas cenas</i>	26
---	----

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a pulsão escópica e o corpo feminino. Cada vez mais é comum na sociedade contemporânea, o olhar como uma das formas de expressão da sexualidade. Ressalta-se que a pulsão escópica não encontra a mesma sustentação que as pulsões oral e anal. Não há fase escópica no desenvolvimento libidinal freudiano, pois essa é constituinte da libido, do próprio sujeito, assim a pulsão escópica é paradigmática da pulsão sexual. Paralelamente a isso, o corpo feminino é frequentemente um dos objetos da pulsão escópica. Considerando estes fenômenos, surgiu o interesse de conduzir uma investigação a partir dos pressupostos da Psicanálise freudiana, com o objetivo de identificar possíveis relações entre a pulsão escópica e o corpo feminino. Deste modo, pretende-se caracterizar a pulsão escópica; descrever sobre o corpo em Psicanálise, em especial o corpo feminino; caracterizar o feminino no imaginário psíquico e social, à luz da perspectiva psicanalítica. Para a realização deste estudo, buscou-se uma base teórica capaz de fornecer os subsídios necessários para uma pesquisa qualitativa. Utilizou-se a análise de conteúdo a partir do artefato cultural, o filme “Beleza Americana”, que retrata o cotidiano de um homem de 42 anos de idade, insatisfeito com seu emprego, com sua relação familiar e conjugal. No filme, é possível acompanhar os movimentos por parte do personagem, em encontrar formas de amenizar seu desamparo diante das atuais frustrações em sua vida: buscar alguma satisfação sexual a partir da pulsão escópica e do olhar para o objeto de desejo, assim como lidar com a falta, a incompletude, e a castração que o feminino lhe impõe. Há um jogo entre: seu sentimento de fracasso e insatisfação, o olhar para si mesmo, o olhar que vem do outro, e por fim as fantasias em relação ao outro como objeto de desejo. Desta forma, estes aspectos foram elencados como as possíveis categorias de análise, entendendo-se ser possível apresentar uma discussão capaz de responder ao problema de pesquisa.

Palavras-chave: Pulsão Escópica; Corpo; Corpo Feminino.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo identificar possíveis contribuições da Psicanálise freudiana sobre as relações entre a pulsão escópica e o corpo feminino. Atualmente, o escópico está fortemente presente nas relações sociais, sendo o olhar uma das formas em que sexualidade se manifesta. Paralelamente a isso, tem-se falado cada vez mais sobre inquietações e questionamentos que a representação do feminino causa no imaginário psíquico e social. Sigmund Freud (1931/1996) aborda esta questão como um dos impasses para a teoria psicanalítica, chegando a definir a feminilidade como um “continente negro”.

Com base na revisão de literatura da área, foram elencados autores como Freud, Roudinesco, Nasio, Quinet, Soler, Birman, Garcia-Roza, entre outros. Primeiramente, caracterizou-se a pulsão em si, para mais adiante adentrar na pulsão escópica. Posteriormente, foi contextualizado o lugar do corpo feminino no imaginário psíquico e social, sua relação com a castração e o não-todo fálico.

A Psicanálise traz a perspectiva da sexualidade humana regida pela pulsão e pelo inconsciente. Deste modo, permite compreender, de modo mais aprofundado, estas interfaces. Porém, não se pode restringir este saber unicamente para a prática clínica, pois há grande importância de criar diálogo com outros campos do saber, para que seja possível compreender a sexualidade humana. Diante disso, optou-se pela obra cinematográfica “Beleza Americana” (1999) como artefato cultural, para auxiliar a responder o presente objetivo da pesquisa.

Neste sentido, busca-se pensar em possíveis relações entre o escópico e a representação do corpo feminino, no que se referem aos processos psíquicos que envolvem estas duas interfaces. Estas relações serão analisadas no filme “Beleza Americana” (1999).

O tema desenvolvido despertou interesse durante a graduação do curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul. A escolha por retratar as possíveis relações entre a pulsão escópica e o corpo feminino é resultado de várias leituras, vivências e experiências em disciplinas e estágios cursados. O interesse pela Psicanálise teve início desde as disciplinas básicas, como Teorias da Personalidade, momento no qual houve a oportunidade de aprender sobre a pulsão e as fases do desenvolvimento psicosexual, até a dissolução do complexo de Édipo, amplamente descritas por Freud.

Assuntos relacionados à representação do feminino tornaram-se cada vez mais frequentes no ambiente da universidade. No decorrer do curso de Psicologia, foi possível observar isso em algumas disciplinas relacionadas à psicoterapia familiar, à Psicanálise, e em várias semanas acadêmicas. Foi abordado o lugar que o corpo feminino ocupa na sociedade, sua relação com a castração e a incompletude, causando grandes inquietações.

Diante do interesse por estes assuntos, o presente estudo apresenta como problema de pesquisa: Quais as possíveis contribuições da Psicanálise freudiana sobre as relações entre a pulsão escópica e o corpo feminino?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar possíveis contribuições da Psicanálise freudiana sobre relações entre a pulsão escópica e o corpo feminino.

Objetivos Específicos

Caracterizar a pulsão escópica.

Descrever sobre o corpo em Psicanálise, em especial o corpo feminino.

Caracterizar o feminino no imaginário psíquico e social, à luz da perspectiva psicanalítica.

REVISÃO DE LITERATURA

Pulsão Escópica

Roudinesco (1997) refere que a pulsão (*Trieb*) é um conceito central na Psicanálise, sendo empregada pela primeira vez em 1905, por Sigmund Freud. A decisão por este termo teve o intuito de evitar confusões com a palavra instinto, a qual se refere mais a comportamentos animais. De acordo com a autora, pode-se entender a pulsão como uma carga de energia, presente no organismo e no funcionamento inconsciente do ser humano.

Freud em sua obra “*As pulsões e seus destinos*” (1910/2013), considera que a pulsão seria um estímulo para o psiquismo, partindo do interior do próprio organismo e não do mundo externo. Sendo assim, requer ações diferentes das do instinto para ser eliminada. É o conceito limite entre o psiquismo e o corpo biológico, o representante psíquico destes estímulos originários do interior do corpo. A pulsão é sempre uma força constante, com origem no próprio organismo.

Na obra “*Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905/1996), Freud emprega pela primeira vez o termo, porém, apenas anos mais tarde teve uma definição mais detalhada e precisa. Portanto, a pulsão é a representação psíquica das estimulações somáticas que fluem continuamente, em contraste com aquelas produzidas pelo mundo externo. Ela demarca o psíquico e o biológico (Roudinesco, 1997).

A autora ainda postula que Freud em seu projeto para uma metapsicologia, enumera e descreve quatro características da pulsão. Segundo Freud (1910/2013), a “pressão” é a força e exigência de trabalho da pulsão, e sua “meta” é sempre a satisfação. O “objeto” é a via por onde a pulsão pode atingir esta satisfação. Aqui se torna importante enfatizar que Freud considera diferentes caminhos que podem levar a pulsão a atingir sua meta de satisfação. Assim, para uma mesma pulsão existem diversas metas, que podem ser combinadas ou substituídas umas pelas outras. Por fim, quanto à “fonte”, entende-se como destino desta, uma parte do corpo, ou seja, é fonte somática.

Roudinesco (1997) complementa: a “força” ou “pressão” é a própria essência da pulsão e o motor da atividade psíquica. Seu “alvo” é a satisfação, e eliminação da excitação proveniente na origem da pulsão, que muitas vezes pode fracassar ou ter alvos intermediários. O “objeto” é a forma como a pulsão atinge seu alvo, sendo que um

mesmo objeto pode satisfazer diversas pulsões. Por fim, a “fonte” é somática, iniciando em uma parte do corpo, e a excitação é representada no psiquismo.

No período da infância e da puberdade, a pulsão sexual assume a forma de pulsões parciais. Estas constituem a base da sexualidade infantil, ligando-se a determinadas zonas do corpo, e tornando-se zonas erógenas. Tem-se, por exemplo, a necessidade de satisfazer a nutrição alimentar através do ato de sugar, no qual a boca e os lábios são a origem desta pulsão parcial, uma zona erógena e uma fonte de prazer (Roudinesco, 1997).

Coutinho Jorge (2005) enfatiza que a partir do conceito de pulsão, Freud percebeu que reduzir a sexualidade humana apenas à reprodução tornava-se um erro. O principal elemento da sua teoria acerca da pulsão é o caráter parcial, tendo uma fonte pulsional e um alvo para descarregar essa tensão interna.

O autor aponta para o primeiro dualismo pulsional proposto por Freud (1910/2013), em que opunha as pulsões sexuais às pulsões de autoconservação. Estas realizam funções de preservação do indivíduo, enquanto as pulsões sexuais realizam funções de manutenção da espécie. Mais tarde, Freud dá lugar a outro dualismo, reunindo estas duas pulsões em pulsão de vida, e as opondo à pulsão de morte.

Sobre as pulsões sexuais, Freud (1910/2013) considera que são inúmeras e originárias de diferentes fontes somáticas, sua meta é a obtenção de prazer, e só após atingir sua meta, é que se voltam à função reprodutiva. Seus destinos são: reversão em seu contrário, retorno à própria pessoa, recalque e sublimação. Freud considera que estes destinos são também defesas frente à pulsão.

No que se refere à reversão em seu oposto, Freud (1910/2013) enfatiza que ela se desdobra em dois processos distintos: a passagem de uma pulsão ativa para tornar-se passiva, e a inversão do conteúdo. Deste modo, temos como exemplo os pares opostos voyeurismo e exibicionismo. A meta ativa da pulsão (olhar, contemplar) é substituída pela passiva (ser olhado, ser contemplado).

Freud (1910/2013) introduz as pulsões cuja meta é o olhar ou a exibição, atribuindo os termos voyeur e exibicionista, quando se tratar de uma perversão. Afirma que no início a pulsão de olhar é autoerótica, seu objeto fica no próprio corpo. Diante disso, Freud traz um esquema simplificado no qual o ato de contemplar um órgão sexual é paralelo ao próprio órgão sexual que é contemplado. Esta seria uma etapa preliminar autoerótica. Na configuração final, já parte do contemplar um objeto alheio (prazer ativo de olhar) e o próprio objeto sendo contemplado por um terceiro (exibicionismo).

“Nas perversões que são dirigidas no sentido de olhar e ser olhado encontramos uma característica muito notável... o objetivo sexual ocorre sobre duas formas: uma ativa e outra passiva.” (Freud, 1905, p. 159). O autor ainda refere que na puberdade aparecem as características masculinas e femininas, havendo maior tendência de repressão sexual nas meninas do que nos meninos. Quando as pulsões sexuais aparecem, elas preferem a forma passiva.

Nasio (1992) retoma Freud para explicar o circuito da pulsão escópica: olhar-se, olhar, ser olhado. Como referido anteriormente por Freud (1910/2013), o primeiro tempo é auto-erótico, pois o sujeito olha para o seu membro sexual, enquanto o membro sexual goza por ser olhado. Neste ponto, Nasio (1992) indaga ser uma questão do ideal masculino em relação ao feminino, no que se refere ao membro sexual ser visto.

Roudinesco (1997) aborda que na obra freudiana “*Mais além do princípio de prazer*” (1920), instaura-se um novo dualismo pulsional, a pulsão de vida em oposição à pulsão de morte. Com esse novo dualismo, Freud provocou grande repercussão e rejeição dentro do próprio movimento psicanalítico e na Filosofia do século XX.

Jacques Lacan (1985) colocou a pulsão como um dos quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Considerou a constância no movimento da pulsão, e sua abordagem inconsciente, uma manifestação da falta e do não realizado. Está na categoria do real e isolada das bases biológicas. Para Lacan, a pulsão é sempre parcial – em termos mais gerais do que os encontrados na teoria freudiana – adota o termo objeto parcial dos kleinianos e introduz dois novos objetos pulsionais, além das fezes e do seio: a voz e o olhar como objetos do desejo (Roudinesco, 1997).

Apesar do olhar ser um dos principais objetos do desejo, os primeiros escritos de Freud mostram que só após a evolução da espécie, o ser humano se inscreve na dimensão pulsional. Coutinho Jorge (2005) enfatiza a importância das primeiras noções de recalque na Psicanálise. Em uma das correspondências de Freud à Fliess em 1897, destaca-se a substituição do olfato pela visão e o advento da postura bípede como fatores que estariam na base dos processos normais de recalque nos seres humanos. Deste modo, o recalque orgânico aparece pela primeira vez em um breve artigo de Freud, intitulado “*Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses*” (1906).

Conforme enfatiza Coutinho Jorge (2005) “o olfato dá, portanto, lugar à visão enquanto elemento primordial da atração sexual. A passagem do domínio do olfato ao da visão produz a passagem do funcionamento instintivo ao pulsional” (p. 39-40). A

perda dos estímulos olfativos é uma consequência do advento da postura ereta adquirida pelo homem em sua evolução. Desta forma, marca a possibilidade do humano advir, e uma das mais marcantes características da sexualidade humana. Coutinho Jorge (2005) pontua que a postura ereta e bípede tornou os órgãos genitais visíveis, e deste modo, com necessidade de escondê-los. Em contrapartida, surge o predomínio dos estímulos visuais. O autor afirma que olhar passa a ter primazia nas trocas sexuais, "... o modelo pulsional do funcionamento sexual encontra sua matriz no escópico; ou, dito de outro modo, a pulsão é, em sua essencialidade, pulsão escópica". (Coutinho Jorge, 2005, p.44).

Quinet (2002) considera que o olhar está constantemente presente na Filosofia, desde os escritos de Platão. Há grande ênfase no olhar como a apreensão do mundo pelo saber. O próprio termo "teoria", no campo filosófico, origina-se de contemplar e observar. Em contrapartida, na Psicanálise, o olhar é diferente da visão, e não é mais visto como consciência e conhecimento, mas como objeto de uma pulsão. Além disso, o olhar é um objeto inapreensível pelo eu, e é ligado a uma satisfação.

O campo escópico é, então, muito mais amplo que a visão. O olhar não é apenas um instrumento do sujeito, mas também afeta o sujeito enquanto objeto ativo que causa seu desejo, principalmente quando a angústia está presente (Quinet, 2002).

Deste modo, Quinet (2002) refere que na teoria psicanalítica, o olhar – destacado por Lacan – é o objeto da pulsão escópica, descrita por Freud. O campo escópico não se reduz apenas à visão. O autor afirma: "o olhar é o objeto exemplar da Psicanálise, a pulsão escópica é o paradigma da pulsão sexual" (Quinet, 2002, p.94).

Enquanto em Freud a pulsão é o conceito limite entre o psíquico e o somático, para Lacan é o conceito limite entre o simbólico e o real. A nível do simbólico, trata-se da representação da pulsão no inconsciente. A nível do real, trata-se da energia pulsional, ou seja, a libido, na qual Freud denominou como afeto em um primeiro momento (Quinet, 2002, p. 95).

Lacan utiliza a pulsão escópica como paradigma da pulsão sexual em sua obra *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1985), referindo que a mesma não tem representação inconsciente e não se situa no nível da demanda. A pulsão escópica não é como a pulsão oral e anal, por exemplo, que se escoram na demanda. O objeto oral é expresso pela demanda do seio que o bebê faz à mãe, e o objeto anal é expresso na situação em que a mãe demanda as fezes de presente ao filho na sua educação. A

pulsão escópica não se escora em nenhuma função fisiológica e não tem ligação com a necessidade. Não temos necessidade de ver, e sim desejo de olhar (Quinet, 2002).

Quinet (2002) considera que na obra freudiana, a pulsão escópica não é equivalente a uma fase do desenvolvimento psicosssexual, e sim que ela se manifesta espontaneamente durante a infância, afirmando a marcante presença do *voyeurismo*. Portanto, não há fase escópica, já que está sempre presente, é atemporal e estruturante do psiquismo. Por outro lado, Freud entende que o campo escópico é constituinte da sexualidade, sendo uma *pulsão-despertador*.

Deste modo, segundo Quinet (2002), a pulsão escópica não tem seus significantes específicos e nem inscrição no inconsciente. Ela precisa tomar emprestados os significantes das outras pulsões que são ligadas à demanda do outro, como a oral e anal.

O autor ainda refere que as expressões da língua portuguesa: *comer com os olhos, olhar furtivamente, lançar um olhar*, entre outras, são alguns exemplos juntos aos significantes da oralidade ou analidade. O olhar e a pulsão escópica não podem ser expressos através da fala. Deste modo, como enfatiza o autor, toma emprestados os significantes de outras pulsões.

Retomando os escritos freudianos de 1910, há quatro destinos para a pulsão, como citados acima: reversão em seu oposto, retorno ao próprio indivíduo, recalque, e sublimação. Em um primeiro momento, Freud deteve-se mais a escrever sobre estes dois primeiros, utilizando como exemplo o par voyeurismo e exibicionismo (ver e ser visto): “o objeto da pulsão de olhar, apesar de ser, também, inicialmente uma parte do próprio corpo, não é o olho em si” (Freud, 1910, p.43). Quinet (2002) refere que anos mais tarde, com Lacan, entende-se que o objeto da pulsão escópica não é o olho, e sim o olhar.

No que se refere à fonte da pulsão escópica, Quinet (2002) enfatiza que o olho possui a capacidade de investir à distância o objeto sexual, obtendo prazer não pelo toque direto, e sim por este investimento imperceptível. Freud cita o olhar como “... o caminho mais frequente do qual a excitação libidinoso é despertada.” (Freud, 1905, p. 158). Desta forma, o olhar é objeto menos palpável e o olho é a zona erógena mais distante do seu objeto sexual.

Na pulsão escópica, a satisfação não é obtida pela manipulação do olho, mas por sua capacidade de “tocar” de longe seu objeto. O autor enfatiza o fato de que a

pulsão escópica permitiu à Psicanálise ver o olho não apenas como um órgão fonte de visão, mas como fonte de libido (Quinet, 2002).

Nasio (1992) considera uma instância do olhar como satisfação, que de acordo com Lacan, pode ser chamada de gozo, ou mais especificadamente, uma espécie do objeto *a*. Este objeto não tem imagem, não é especularizável, não pode ser materializado.

O objeto da pulsão escópica, o olhar, não tem imagem própria. O autor ainda considera que o olhar é uma das formas como o gozo se apresenta, e é ligado a um orifício. No caso do olhar, ligado ao orifício da pálpebra, já que as zonas erógenas são sempre bordas do corpo que se contraem e dilatam (Nasio, 1992).

Para Nasio (1992), a visão é o contexto formado por imagens, no qual em um momento de fascinação, emerge o olhar. Neste sentido, a visão não é o mesmo que olhar. O olhar é um ato provocado de uma imagem fascinante até o eu, ou seja, o olhar é despertado fora de nós. Para a Psicanálise, quem vê as imagens do mundo não é um órgão do corpo, quem vê é o eu. Entre o eu e o mundo das imagens, existe a instância do Imaginário.

O autor relaciona esta dimensão imaginária com o eu ideal. O eu ideal é o esperado e desejado do eu, de se reconhecer como esperaria. Está presente na relação com a imagem do eu, que fica carregada de um ideal. Quando há um desconforto ao olhar-se no espelho, é em relação a um ideal imaginário, este eu ideal.

Segundo Nasio (1992), o olhar é também uma maneira de veicular a ameaça de castração. Para que esta seja feita, é necessário ter não somente a ameaça oral, mas também a ameaça que vem pelos olhos, de ver o corpo desnudo da mãe no qual falta algo, um pênis que ela supõe que a mãe deveria ter. Quando a criança vê o corpo nu de uma mulher, é provocado um horror à castração, pois falta o pênis imaginário.

Quinet (2002) complementa que a castração é feita através do escópico, o olhar está em jogo na diferenciação dos sexos. A visão do sexo feminino perturba as convicções do todo-fálico na criança e lhe retorna como angústia e ameaça de castração. Como na obra de Sófocles, Édipo fura seus próprios olhos como substituto da castração, trecho em que Freud articula com o complexo de Édipo.

Segundo Marinho (2017), na história do cinema existem vários aspectos que apontam o prazer ao olhar. Partindo do referencial psicanalítico, é possível compreender a forma como o olhar se projeta para a imagem em busca deste prazer. A autora aprofunda enfatizando que a pulsão escópica é formada pelo desejo a um objeto, que

Lacan identificou como o olhar, encontrando domínio no uso da imagem. Desta forma, o cinema e as filmagens surgem a partir do desejo de olhar e ouvir, uma pulsão invocante.

Sobre a beleza, Quinet (2002) refere que a libido que emana do olho é responsável pelo atributo de beleza do objeto sexual. É a pulsão escópica que faz de uma pessoa um objeto belo. O belo é resultado da sublimação da pulsão escópica, que no início se dirige apenas para os órgãos sexuais.

O corpo escondido desperta a curiosidade, que busca completar o objeto, revelando o que está oculto. O prazer de olhar, ou seja, a pulsão escolpofílica, torna-se uma perversão se estiver restrita aos órgãos genitais, diferentemente do que ocorre em obras artísticas, onde a forma total do corpo é contemplada (Freud, 1905/1996). “A contrapartida desta inclinação aparentemente perversa, a curiosidade de ver os órgãos genitais de outras pessoas... sob influência da perversão escolpofílica pode atingir grande importância sexual na vida de uma criança.” (Freud, 1905, p. 197). A sexualidade na infância está ligada a zonas erógenas do corpo, como as fontes das pulsões parciais, um autoerotismo.

Ressalta-se que este estudo não se debruçará em abordar a perversão, apenas a pulsão escópica, priorizando a perspectiva freudiana.

O corpo para a Psicanálise

Observa-se que os estudos de Freud acerca da pulsão tiveram grande influência no conceito de “corpo psicanalítico”. A pulsão é o conceito limite entre o psíquico e o somático, como citado anteriormente. Lazzarini e Viana (2006) enfatizam que Freud introduz uma revolução na concepção de corpo, que a partir de uma compreensão do corpo biológico e da necessidade, irá chegar a um entendimento de corpo erógeno e pulsional, inserido na linguagem, na significação e na representação.

O corpo psicanalítico é marcado pelo desejo inconsciente, sexual e atravessado pela linguagem, contrapondo-se ao corpo biológico. Além disso, o corpo na Psicanálise vai além do somático e constitui-se um todo relacionado à história do sujeito. Para Freud, o corpo sexual é dividido em diferentes zonas erógenas, zonas nas quais há relações entre o dentro e o fora do corpo (Lazzarini & Viana, 2006).

Segundo Garcia-Roza (1999), Freud (1899/1996) emprega pela primeira vez o termo autoerotismo, como o “estrato sexual mais primitivo”, que exige apenas sensações locais de satisfação. Mais tarde, na obra citada acima, Freud retoma o

conceito como o estado original da sexualidade infantil, no qual a pulsão sexual encontra satisfação sem necessitar de objeto externo, apenas em um órgão ou zona erógena do corpo.

Segundo Freud (1905/1996), a pulsão que não está dirigida para outra pessoa, ou seja, não precisa de um objeto externo, satisfazendo-se no próprio corpo, é autoerótica. O alvo da pulsão sexual é uma zona erógena do corpo, usualmente uma fenda, ou parte da pele, na qual a sua estimulação causa prazer.

Segundo Birman (1999), com o princípio do polimorfismo da sexualidade enfatizado por Freud, admite-se que o sexual pode ter vários objetos. Deste modo, o corpo sexual foi fragmentado em diversos territórios eróticos, e o órgão genital seria apenas uma das possíveis fontes de prazer. A genitalidade do corpo perde então seu status anterior no pensamento científico sobre a sexualidade. A partir disso, o autor enfatiza que essas diferentes partes biológicas, constituintes do erotismo do corpo, foram chamadas por Freud de zonas erógenas. Estão localizadas na superfície da pele, e fazem fronteira com o externo. Deste modo, tem-se a zona oral, anal, e genital numa descontinuidade e incompletude do corpo. Anos mais tarde, Freud verifica que o corpo todo é uma totalidade não suficiente, precisando de um outro para mediar sua satisfação.

As autoras, ainda, postulam que Freud, em *Estudos sobre histeria*, afirmava que o corpo da histérica só poderia ser definido se também fosse considerada, além dos sintomas somáticos, a sua representação corporal presente no imaginário social. Foi a partir de seus estudos acerca da histeria, que Freud percebeu o quanto suas pacientes expressavam seus sintomas através do corpo (Lazzarini & Viana, 2006).

Garcia-Roza (1999) considera que o corpo psicanalítico é antes de tudo um corpo fantasmático. O desejo surge não a um objeto real, mas a um fantasma. “É para o fantasma que se dirige o desejo, e não para o real; é ao nível da representação que se passa a psicanálise.” (Garcia-Roza, 1999, p. 117).

Diante desta representação corporal imaginária, Nasio (2007) aborda o conceito de imagem inconsciente do corpo é um dos mais importantes da Psicanálise na atualidade, apesar de nunca ter sido descrito por Freud. Diante disso, o autor enfatiza a importância para o ser humano de comunicar-se com o outro, premissa que funda o conceito de imagem inconsciente do corpo.

Deste modo, Nasio (2007) considera que a criança pequena mostra aos outros a sua imagem do espelho, imagem que não é ela, e que os outros só tem acesso ao que ela dá a ver. Deste modo, existem duas imagens corporais distintas e indissociáveis, a

representação mental de nossas sensações corporais, e a imagem especular da aparência do corpo. Esta última é vista pelo social e pelo mundo externo.

O autor postula sobre o olhar dos outros na construção da imagem de si. Esta, seria composta pelo que vem do corpo (como sinto, como vejo, como percebo, como escuto), pelo que vem da linguagem (símbolos marcantes durante a vida), pelo que vem da história de vida (acontecimentos marcantes). Por fim, tudo o que vem do outro, a imagem de si mesmo devolvida por outras pessoas.

Corpo Feminino

Sigmund Freud (1930/1996) em sua obra *O mal-estar na civilização* refere que a vida civilizada limita as liberdades individuais. O princípio de prazer domina a vida do aparelho psíquico, já que o alvo da pulsão é a satisfação sexual. Ao mesmo tempo, busca-se controlar a vida pulsional através dos processos psíquicos superiores. A meta da satisfação não é totalmente abandonada, mas limitada e regulada pelo princípio da realidade, que é operado pela autoridade e pelo interdito.

Birman (2005) considera que a questão freudiana é indagar sobre os efeitos da modernidade no sujeito, que é fundado pela pulsão. O conflito entre princípio do prazer e princípio da realidade desestabiliza o sujeito, que busca afastar o mal-estar social produzido por este desamparo. O sujeito se obriga a fazer uma conciliação do conflito nos campos político e social, regulado pelos laços sociais. O autor, ainda, enfatiza que o desamparo na obra freudiana é a marca decisiva da concepção sobre o sujeito na modernidade. O registro da pulsão e da civilização é da ordem do conflito. Pontuando novas condições deste mal estar na modernidade. Para circunscrever a problemática do desamparo, a partir de 1920, o discurso freudiano forjou novos conceitos e dentre estes, há o de feminilidade.

Segundo Birman (1999), nos tempo da Grécia clássica, o corpo feminino deveria manter-se reservado, discreto e silencioso no espaço público. Com o advento do cristianismo, a figura da mulher foi identificada com o pecado e com a imperfeição, baseando-se no mito da sedução de Adão por Eva. O silenciamento da sexualidade como pecado teve grandes marcas na civilização ocidental até a modernidade.

Neri (2005) enfatiza que a crise do sujeito clássico da razão traz também uma crise da hegemonia do sujeito masculino. No século XIX, com a queda do Deus monarca, iniciam-se discussões sobre a superioridade de um sexo sobre o outro. O sexo

masculino era considerado divino e ativo da razão criadora, enquanto o feminino era considerado impuro e passivo.

A autora considera que antigamente vigorou o modelo do sexo único, sendo o gênero enquanto diferença cultural que determina o sexo, a diferença anatômica. Vigorava a ideia de um sexo único, o masculino, enquanto o feminino era considerado um masculino inferior. Com o Iluminismo, surgem novas mudanças: o sexo anatômico e biológico definem o gênero.

Porém, Neri (2005) enfatiza que não é apenas a ciência que determina o discurso sobre o sexo, sendo fundamentais a cultura e a política. O modelo que afirma a existência de dois sexos corresponde também ao capitalismo e ao surgimento da família burguesa. A autora cita Foucault, que traz conceitos importantes sobre a sexualidade como um dispositivo de poder.

Segundo Foucault (1976/1988), a partir do século XVIII houve uma proliferação política, econômica, técnica do discurso sobre o sexo, no campo do exercício de poder. Foi ampliado o domínio do que poderia ser dito sobre o sexo e a sociedade, e acabou por ampliar significativamente este dizer sobre a sexualidade, através de um dispositivo que acaba produzindo ainda mais discursos.

Neri (2005) retoma Foucault, sobre a sexualidade ser um instrumento de poder. A partir do século XVIII, cresce o adestramento dos corpos com o objetivo de produzir subjetividades condizentes com a família burguesa no capitalismo. A subjetividade é moldada por um jogo entre poderes, discursos, e agenciamentos libidinais.

Desta forma, a autora postula que o discurso psicanalítico surge em meio à crise de identidade do sujeito da razão e aos questionamentos sobre a identidade sexual. A Psicanálise surge enunciada pela voz do feminino, em seu aparato teórico e pelo discurso das mulheres. Atualmente, a feminilidade está na interrogação central da teoria, como algo de difícil elaboração para ambos os sexos.

Segundo Birman (1999), Freud ao final das suas obras, enunciou uma nova problemática para o discurso psicanalítico. Uma nova face da sexualidade foi formulada, a feminilidade. Trata-se de outro registro acerca da sexualidade, no qual opera pela lógica do falo, a sua presença ou ausência. Deste modo, o autor postula que a feminilidade ultrapassa a diferença anatômica. Pode estar presente tanto no homem quanto na mulher, e seu critério definidor seria a inexistência de falo. Estes opostos foram construídos segundo a lógica fálica, seja pela presença imaginária do falo no pênis, seja pela sua inexistência no corpo da mulher. Assim se estabelece uma

hierarquia entre os sexos, com consequências psíquicas, sociais, e culturais (Birman, 1999). Ainda, o mesmo autor aponta que a feminilidade tem presença marcante na experiência da sedução, presente em ambos os sexos, mas principalmente nas mulheres. Estas assumem com mais facilidade a condição de desamparo, já que a feminilidade se inscreve na falta e no vazio. Outra característica da sedução é que ela se ordena no campo do olhar, pois o que se pretende é a captura do olhar do outro. O cenário é o corpo erógeno, na maioria das vezes, o corpo feminino.

Birman (1999) considera que devido a este vazio fálico, a angústia do real e o trauma fundam-se na subjetividade. Na figura da feminilidade, encontram-se diversos traços da sexualidade: desamparo, inquietação, finitude, incompletude, fendas corpóreas, polimorfismo, inexistência de objeto fixo da pulsão. A partir destas questões acerca da feminilidade, inscreve-se no discurso freudiano a fantasia feminina da inveja do pênis.

Freud (1905/1996) aborda sobre o Complexo de Castração, em que as crianças elaboram, de forma inconsciente, uma fantasia de que todos os seres humanos possuem a mesma forma de órgão genital, a masculina. Acreditam que falta o pênis na mulher, e a partir disso, elabora-se uma fantasia feminina da inveja do pênis.

Anos mais tarde, em seus escritos sobre a sexualidade feminina, Freud (1931/1996) considera que a bissexualidade, inata nos seres humanos, aparece em maiores proporções nas mulheres do que nos homens. O homem possui apenas um órgão sexual, enquanto a mulher possui dois: a vagina, órgão sexual principal; e o clitóris, que é análogo ao masculino. Deve-se ao fato de que por muitos anos, a vagina é visualmente inexistente, não produzindo sensações até a puberdade.

Nas mulheres, as primeiras ocorrências genitais infantis ocorrem no clitóris. Deste modo, a sua fase inicial da vida sexual possui um caráter masculino, e a segunda, um caráter feminino. Em relação ao objeto, em ambos os sexos, a mãe é o primeiro objeto de amor. Porém, no caso da menina, ao final do seu desenvolvimento, o pai torna-se, na maioria dos casos, o seu novo objeto amoroso (Freud, 1931/1996).

Segundo Garcia-Roza (1999), a fase fálica aparece em 1923, na obra freudiana *A organização da sexualidade infantil*. Esta fase é a organização da libido que vem após a fase oral e anal, já existindo um predomínio dos órgãos genitais. A criança reconhece apenas um órgão genital: o masculino, sendo a oposição entre sexos marcada pela castração. O autor enfatiza que a fase fálica instaura o declínio do complexo de Édipo pela ameaça de castração. No caso dos meninos, esta fase se caracteriza pelo interesse

narcísico que ele em seu órgão genital, o pênis, em contraponto à descoberta da ausência do pênis imaginário na menina. No caso das meninas, esta descoberta faz surgir uma inveja do pênis.

Segundo Freud (1931/1996), quando a menina enxerga um órgão genital masculino, o pênis, torna-se doloroso aceitar este desagradável conhecimento. Cria expectativas inconscientes de um dia também ter este órgão genital. Só mais tarde a menina compreende que a castração se estende a outras crianças e também adultos, como a mãe.

Para Freud (1930/1996), a mulher é um tabu em sua totalidade. Isto é, não é unicamente tabu nas situações sexuais, como a menstruação, a gravidez, o parto ou puerpério, mas em todas as relações sexuais, as mulheres estão sujeitas a numerosas restrições. Duvida-se da sua suposta liberdade sexual.

Entretanto, Soler (2003) considera que Freud teve um fracasso ao tentar transpor a explicação edípica para o lado feminino. O menino renuncia à mãe, o seu objeto primordial e a este gozo relacionado a ela. Desta maneira, afirma a autora: “o Édipo produz o homem, mas não produz a mulher” (Soler, 2003, p. 15). Além disso, a autora, ainda, postula que as teorias de diferença entre os sexos, que as crianças inventam na fase fálica, não são suficientes para diferenciar a essência da mulher. As crianças criam estas teorias com base nas pulsões parciais que tem experiência. Para Freud, a feminilidade deriva do ser castrada, a menina se torna mulher quando espera o falo daquele que possui (Soler, 2003). “A mulher é invenção da cultura, história, que muda de feição conforme as épocas” (Soler, 2003, p. 28), ou seja, percebe-se que o ser mulher está relacionado com o discurso social vigente.

Segundo Soler (2003), Lacan anos mais tarde, reformulou a lógica dos gêneros masculino e feminino, pelo todo-fálico nos homens, e o não-todo-fálico nas mulheres. Além disso, há dois tipos de gozo: o fálico e o suplementar. Esta é a lógica da linguagem que decorre o inconsciente. A autora enfatiza também, que atualmente, a família, os semblantes, e o discurso do gozo sexual vêm sofrendo grandes mudanças. A satisfação sexual parece ser uma exigência naturalizada, independente da procriação e da relação amorosa, perdendo seu status de intimidade.

Portanto, na Psicanálise, falar da mulher ou da feminilidade não é referir-se aos gêneros biológicos masculino ou feminino, mas falar de uma posição psíquica marcada pela castração, que ocupa um lugar privilegiado: o todo fálico e o não todo fálico.

Segundo Marinho (2017), o papel da Psicanálise é essencial para a compreensão do corpo feminino enquanto objeto de prazer, pois a estrutura formativa do olhar dominante é baseada num estilo patriarcal de poder. Desta forma, há um sistema patriarcal nutrido pelas estruturas sociais, que define o corpo e o papel da mulher, segundo os desejos e necessidades do inconsciente masculino, que projeta suas fantasias para a imagem.

A autora ainda enfatiza que a objetificação do corpo feminino é uma resposta para a ansiedade de castração que a mulher provoca. A castração é, então, rejeitada e substituída por um papel erótico de objeto ou fetiche. A partir do momento em que a mulher ocupa lugar de objeto, é depositária do desejo patriarcal e torna-se passiva.

Segundo Mota e Leal (2007), sobre o corpo em Psicanálise, é necessário considerar a imagem especular como correspondente à dimensão do imaginário. Ainda, os autores pontuam que na sociedade atual, há um ideal de corpo e um corpo ideal, exigências sociais das quais não tem como fugir. Esta busca pelo corpo ideal proporciona um gozo em ir atrás dos olhares que normatizam como este corpo deve ser. Para a mulher, o corpo se articula na condição do mais-gozar, ela busca atingir um ideal, numa perspectiva fálica.

Deste modo, como enfatizam Mota e Leal (2007), a mulher na sociedade contemporânea busca um saber a mais sobre o corpo. Isso se deve ao fato de que o sujeito falante está submetido às normas de um discurso social. Sendo assim, pode-se pensar no corpo feminino na sociedade contemporânea como atrelado ao dizer das normas sociais.

Segue-se apresentando o método do presente estudo e, posteriormente, os resultados e discussão.

MÉTODO

Delineamento

Buscou-se utilizar a pesquisa de caráter qualitativa, que de acordo com Flick (2008), tem importância no estudo das relações sociais devido à diversidade das formas de vida e dos padrões biográficos. Começam a existir novos ambientes, subculturas e formas de vida. Desta forma, exigindo novos instrumentos para o estudo empírico destas questões.

Para a pesquisa em Psicologia, e em outras ciências sociais, este delineamento de pesquisa toma grande relevância. O objetivo principal do presente estudo busca pensar em possíveis relações entre a pulsão escópica e o corpo feminino, sob a perspectiva psicanalítica. Deste modo, torna-se difícil realizar um entendimento a partir de um delineamento mais padronizado e com causas e efeitos.

Flick (2008) refere que na pesquisa qualitativa, os objetos não são reduzidos à variáveis, mas representados em sua totalidade e complexidade, dentro do seu contexto. O objeto de estudo é o fator determinante na escolha do método, que deve abranger a complexidade do tema.

O presente estudo possui caráter exploratório e interpretativo, que de acordo com Gil (2008), seu objetivo é proporcionar uma visão mais aproximada a respeito do que serão investigados, desenvolvendo e esclarecendo os conceitos: pulsão escópica e corpo feminino. Além disso, apresenta como base a revisão de literatura, na qual o autor enfatiza que é feita a partir de pesquisas, livros e artigos científicos já publicados. Ou seja, parte de um levantamento bibliográfico prévio a respeito dos conceitos. Isso permite ampliar a quantidade de informações e aprofundamento.

Conforme enfatiza o autor, os resultados da pesquisa qualitativa serão apresentados mediante descrições verbais, já que seu enfoque é mais interpretativo. De acordo com o enfoque mais interpretativo, o mundo e a sociedade devem ser compreendidos na perspectiva de quem os vivencia (Gil, 2008).

Fontes

Segundo Flick (2008), observou-se certo renascimento da mídia visual em métodos de pesquisa. As filmagens estão cada vez mais sendo utilizadas como fonte de dados, pois permitem gravações de estilos e condições de vida. Torna-se possível apresentar artefatos culturais para retratá-los de modo menos seletivo que as observações.

Deste modo, foi utilizado como artefato cultural o filme “Beleza Americana”, lançado no ano de 1999, dirigido por Sam Mendes, e estrelado por Kevin Spacey. O filme retrata a história de Lester Burham, um homem de 42 anos, que está cansado e insatisfeito com seu emprego, e com sua relação familiar e conjugal. Vive com sua esposa chamada Carolyn e com sua filha adolescente Jane, tendo uma relação conturbada com ambas. Porém, quando conhece Angela Hayes, amiga de sua filha, resolve começar a fazer mudanças em sua vida.

A partir disso, aparecem ainda mais brigas e discussões com sua esposa e filha, quando toma suas próprias decisões e busca seu desejo, assumindo uma postura diferente da que costumava ter. Ele pede demissão do seu atual emprego, mostrando que não se sente valorizado na empresa onde trabalha. Além disso, começa a praticar exercícios físicos para atrair a atenção da amiga da filha.

Sua esposa demonstra ser controladora, priorizando seu sucesso profissional em detrimento de seu casamento. Em algumas cenas do filme, Lester reclama da falta de desejo sexual por parte dela, e acaba por ter fantasias eróticas com a amiga da filha. Sua filha adolescente, Jane, demonstra ser insegura com sua própria aparência, enquanto sua amiga, Angela, é confiante e costuma atrair atenção. Além disso, Jane demonstra não estar feliz com seus pais, e brigam constantemente.

De acordo com Gil (2008), a fonte escolhida deve auxiliar a responder ao problema de pesquisa proposto. Busca-se utilizar artefato cultural descrito acima para realizar análise, e em seguida, mostrar as possíveis relações entre a pulsão escópica e o corpo feminino, sob a perspectiva psicanalítica.

Instrumentos

Segundo Laville e Dionne (1999), em uma análise de conteúdos é necessário realizar recortes do conteúdo escolhido para em seguida, ordenar dentro de categorias de análise. Para coletar os dados desejados, foi feita uma seleção de cenas que estejam relacionadas ao presente problema de pesquisa, para realizar uma articulação das cenas com a revisão de literatura na discussão. Estes dados são apresentados e organizados em uma tabela, com as categorias elencadas, e suas respectivas cenas.

Flick (2008) ainda enfatiza que na pesquisa qualitativa, utilizam-se as informações provenientes das fontes literárias enquanto conhecimento sobre o contexto, para verificar afirmações e observações a respeito de seu tema de pesquisa em

determinados contextos. Além disso, entender as diferenças em seu estudo antes e depois do processo.

Procedimentos

Com base nos presentes objetivos do estudo, foi possível determinar os principais tópicos a serem pesquisados. É importante considerar também uma leitura prévia acerca do tema em questão, para determinar o problema e objetivos (Gil, 2008).

Em um primeiro momento, utilizou-se uma ficha de leitura com o intuito de organizar a busca por materiais da Revisão de Literatura. Esta etapa envolveu o planejamento, coleta de dados e materiais, análise, interpretação destes dados, e a redação (Gil, 2008). Buscou-se materiais como livros e artigos científicos disponíveis na Biblioteca Central da Universidade, e artigos disponíveis em bases de dados como a *Scientific Electronic Online* (SciELO), Portal de Periódicos CAPES, e Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Utilizou-se os descritores: pulsão escópica, corpo, corpo feminino.

A partir destas leituras, conforme enfatiza Gil (2008), foi possível identificar as informações provenientes destes materiais, estabelecer relações com os objetivos propostos, e analisar a pertinência dos dados apresentados pelos autores. Deste modo, em um primeiro momento foi feita uma leitura exploratória, para analisar a conveniência do material com o presente estudo, em seguida uma leitura seletiva a partir do material selecionado, para objetivar ainda mais os dados selecionados. Por fim, uma leitura interpretativa, para estabelecer relações entre os conteúdos das diversas fontes.

Após, buscou-se um artefato cultural para auxiliar a responder o problema de pesquisa. O filme “Beleza Americana” (1999) demonstrou estar de acordo e com cenas possíveis de serem relacionadas à problemática do estudo. Foi assistindo diversas vezes para poder selecionar cenas, que mais tarde foram agrupadas em categorias de análise, oferecendo subsídios para a discussão de resultados.

Referencial de Análise

Segundo Laville e Dionne (1999), a análise de conteúdo busca revelar o significado do conteúdo, sendo um conjunto de vias disponíveis para isso. Não possui um roteiro definido a ser seguido. Seu princípio é desmontar a estrutura e os elementos do material (o conteúdo, as palavras e frases), para extrair um significado.

Laville e Dionne (1999) ainda enfatizam que a análise de conteúdo segue o modelo aberto, comumente utilizado em pesquisas de caráter exploratório. Este modelo compreende categorias que inicialmente não estavam fixas. Foram definidas *a priori* e com a técnica de emparelhamento, na qual se associam os dados encontrados com um modelo teórico, e com o objetivo de fazer uma comparação.

No presente estudo, a partir do filme “Beleza Americana” (1999), buscou-se desmontar o seu conteúdo, a partir de cenas selecionadas, a fim de buscar uma relação com a teoria psicanalítica. Deste modo, foram elencadas as seguintes categorias: fracasso e insatisfação na vida atual, olhar para si, olhar que vem do outro, e fantasias em relação ao outro como objeto de desejo. Estas novas relações foram obtidas com a técnica de emparelhamento, e apresentadas na discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na Revisão de Literatura e no artefato cultural, foram elencadas onze cenas que se enquadram em quatro categorias de análise. Os discursos presentes por parte dos personagens do filme “Beleza Americana” (1999) relacionam-se com os temas de cada categoria. A partir disso, onze cenas foram selecionadas para auxiliarem a responder o presente problema de pesquisa deste estudo. A seguir, a Tabela 1 destaca as categorias e as respectivas cenas as quais elas se referem, com a discussão de cada uma das categorias elencadas.

Tabela 1: *Categorias de Análise e suas respectivas cenas*

Categorias	Cenas
------------	-------

- Fracasso e Insatisfação na vida atual

A) Lester Burnham narra brevemente como é sua vida aos 42 anos de idade, sua família, vizinhança, e seu emprego, mostrando o quanto se sente um fracassado e o quanto não está satisfeito. Diz que a melhor parte do seu dia é quando se masturba no chuveiro. No que se refere ao seu casamento, conta que fica exausto só de olhar para sua esposa Carolyn. Mostra também que tem uma filha adolescente, Jane, que é irritada, insegura, e confusa. Diz que elas o consideram um perdedor, e que estão certas quanto a isso. Relata que sente como se tivesse perdido algo, mas que não sabe exatamente o que. Porém, diz que nem sempre na vida se sentiu tão “sedado” quanto no momento.

B) Lester finalmente pede demissão de seu emprego, expondo em uma carta o quanto está irritado com seu trabalho e com sua chefia. Relata na carta que se masturba no banheiro masculino durante o expediente. Ao final do dia, Lester está jantando com sua família, quando Carolyn começa a discutir e a brigar com ele por ter pedido demissão. Lester contesta dizendo que se sente um prisioneiro, e que Carolyn não tem desejo sexual por ele. O casal continua discutindo, Lester se irrita e quebra um prato na parede.

C)Jane Burnham aparece falando diretamente para a câmera, que precisa de um pai que dê o exemplo, e que não fique excitado toda vez que leva uma amiga da escola em sua casa.

- O Olhar para si

D)Jane consulta seu saldo bancário, e em seguida, busca na internet cirurgias para aumentar o tamanho dos seios. Em seguida, vai até o espelho e examina seu corpo. Depois, encontra Carolyn (sua mãe) no carro, que a levará até a escola. Carolyn questiona por que Jane está tentando não parecer atraente.

E)Lester olha seu corpo no espelho, percebe-se gordo, e começa a malhar para ficar mais atraente para Angela.

- Ser olhado pelo outro

F)Cena em que Angela está conversando com Jane no carro, dizendo que sempre que entra nos lugares, os homens a olham. “Os caras sempre babam por mim... Meus colegas pensavam em mim quando se masturbavam... Se gente que eu não conheço me olha e quer me comer... Significa que tenho chances de ser modelo”.

G)Angela vai à casa de Jane, e elogia Lester, dizendo que dá para notar que está malhando.

H)Em uma briga com sua mãe, Jane leva um tapa no rosto. Em seguida, vai até o seu espelho e olha como está seu rosto. Em seguida, dirige-se à janela, onde pode ser vista por Ricky. Jane começa a tirar sua roupa e fica nua da cintura para cima.

- Fantasias em relação ao outro como objeto de desejo

I)Cena da apresentação das líderes de torcida do jogo de basquete, quando ocorre o primeiro olhar por parte de Lester para Angela, que depois de alguns segundos é focado apenas nela. Em seguida, começa a fantasiar uma dança erótica por parte dela. Nesta cena, a trilha sonora passa a ficar lenta e não aparecem mais as outras dançarinas e nem o

restante da plateia. Apenas Lester olhando para Angela, e a imaginando como se estivesse dançando de maneira sensual apenas para ele, e a ponto de quase tirar sua roupa. Nisso, aparecem pétalas de rosa para cobrir seus seios.

J)Lester, enquanto está deitado com Carolyn na cama do casal, olha para cima e imagina Angela nua e coberta por pétalas de rosa no teto de seu quarto. Em seu pensamento, diz que parece que esteve em coma por 20 anos, e que só agora está acordando.

K)Durante a noite, Lester levanta-se da cama, e vai até o banheiro. Abre a porta, e imagina encontrar Angela nua na banheira, coberta por pétalas de rosa. Em sua fantasia, Angela diz: “Esperava que me desse um banho. Estou muito, muito suja”. Nisso, Lester está se masturbando ao lado de Carolyn, que acaba acordando. O casal começa a brigar sobre sua relação, com Lester dizendo que é o único que ainda tem desejo sexual.

DISCUSSÃO

A categoria 1 refere-se ao fracasso e à insatisfação na vida atual do personagem, abordando sua relação com a esposa, filha e com seu trabalho. As cenas selecionadas apresentam brevemente o seu cotidiano antes de conhecer a melhor amiga da filha. Ao mesmo tempo, apresenta no decorrer do filme, as mudanças ocasionadas na sua vida, quando Lester decide largar seu emprego e mudar sua postura diante da família.

Na cena A, pode-se entender que retrata a insatisfatória rotina de vida do personagem aos 42 anos de idade. Aborda sobre sua família, que inclui sua esposa Carolyn e sua filha adolescente Jane. Percebe-se que enfrenta problemas conjugais e familiares com ambas. Pode-se identificar que Lester não está satisfeito com seu casamento, especialmente pelo fato dele considerar que a melhor hora do dia é quando se masturba no chuveiro. Ainda, ele diz que sente como se tivesse perdido algo, sem saber exatamente o que.

A cena B retrata o quanto Lester está insatisfeito com seu atual emprego, a ponto de escrever uma carta para sua chefia, solicitando sua demissão. Expõe na carta o quanto está irritado com os diretores da empresa, e o quanto não é valorizado por seu trabalho. Ainda, conta que se masturba no banheiro masculino durante o expediente. Esta decisão por parte do personagem causa mais brigas e discussões com sua esposa. Ao final do dia, Lester está jantando com sua família, quando Carolyn começa a discutir e a brigar com ele por ter pedido demissão. Lester contesta dizendo que se sente um prisioneiro, e que Carolyn não tem desejo sexual por ele. O casal continua discutindo, Lester se irrita e quebra um prato na parede.

A cena C aborda como a filha se sente em relação a esse pai. Jane aparece falando diretamente para a câmera que precisa de um pai que dê o exemplo, e que não fique excitado toda vez que leva uma amiga da escola em sua casa. Ela o chama de imbecil e diz que gostaria que ele morresse.

Para discutir esta categoria, considera-se importante retomar os conceitos de pulsão e autoerotismo previamente descritos, fazendo uma possível relação com o que pode ser percebido no filme.

Segundo Freud (1930/1996), a forma de viver em civilização acaba impondo restrições às liberdades individuais. O psiquismo é conduzido pelo princípio do prazer, buscando a conciliação com o princípio da realidade, pois a meta de satisfação das

pulsões nunca é totalmente abandonada, mas precisa de certa forma, ser regrada pelo interdito e pela autoridade.

Birman (2005) afirma que esta conflitiva coloca o sujeito em uma posição de desamparo, buscando diversos meios de afastar este mal-estar social que é produzido pela vida civilizada. O sujeito deve, portanto, fazer essa conciliação dos conflitos entre o princípio de prazer e o de realidade de modo que preserve as regras e os dizeres das relações políticas e sociais.

Em relação ao conceito de pulsão, descrita por Freud (1910/2013) e retomada por Roudinesco (1997), ela atua como uma pressão constante, que tem origem no próprio corpo. Os autores enfatizam que é a demarcação entre o psíquico e o somático, ou seja, ela é o representante psíquico de uma fonte corporal de estimulações

Roudinesco (1997) afirma que durante o período da infância, as pulsões sexuais são parciais, pois estas se ligam unicamente a determinadas zonas erógenas corporais. Em relação ao autoerotismo, Garcia-Roza (1999) cita Freud (1899/1996), no qual está relacionado à sexualidade infantil, ou seja, a forma primária em que a sexualidade se manifesta. Considera-se que a pulsão sexual nesta faixa etária encontra a satisfação sem necessariamente um objeto externo, apenas em um órgão erógeno do corpo.

Coutinho Jorge (2005) aponta para o fato de que a pulsão tem um caráter parcial e busca descarregar uma tensão interna. Deste modo, a sexualidade não tem unicamente o objetivo da reprodução. Neste sentido, ao longo da evolução da espécie humana, o olfato foi perdendo seu lugar como elemento primordial da atração sexual. Com o advento da postura bípede, a visão passou a ocupar este lugar.

Integrando o que é possível se perceber no filme e o que os autores apresentam, pode-se pensar que Lester encontra na masturbação uma forma possível de descarregar uma tensão interna, e conciliar este conflito entre o princípio do prazer e da realidade, chegando a uma possível satisfação sexual, que é o alvo da pulsão. Esta forma de encontrar a satisfação é, então, operada pela autoridade e pelo interdito, pois o personagem tem este prazer auto-erótico em momentos reservados, como no chuveiro e no banheiro masculino, longe de outras pessoas.

Pode-se pensar que é a forma que encontra de, minimamente, amenizar seu desamparo, seu fracasso e sua insatisfação com seu emprego, sua família e seu casamento, quando ele diz que é a melhor hora do seu dia. Pode-se pensar, também, que a fonte das pulsões sexuais é no próprio corpo de Lester, mais especificamente

relacionada ao órgão genital. A meta ao se masturbar é a satisfação sexual. A pressão é a força e exigência de trabalho desta pulsão, que no filme acontece tanto quando o personagem está em casa, quando no trabalho, caracterizando ser uma força constante.

Como descrito acima pelos autores, a pulsão é um representante psíquico das excitações oriundas do corpo. Desta forma, Freud (1910/2013) introduz as pulsões cuja meta é o olhar. Na infância, a pulsão escópica é auto-erótica, o objeto pulsional (olhar) permanece fixado no próprio corpo. Nasio (1992) retoma os escritos freudianos para explicar o circuito da pulsão escópica, e enfatiza que o sujeito olha para o seu membro sexual, que goza por ser olhado.

Considera-se que o ato masturbatório é um prazer auto-erótico derivado da sexualidade infantil, pois como colocado acima, o personagem encontra no órgão genital, zona erógena da pulsão genital, a satisfação sexual sem necessitar de outra pessoa. Esta zona erógena é uma região de fronteira com o externo. Pode-se pensar que neste ato masturbatório, a pulsão escópica é auto-erótica e ligada a uma forma de sexualidade infantil, pois o sujeito olha diretamente para o seu órgão sexual.

Na cena C, Jane se queixa em relação a Lester (seu pai) ficar excitado toda vez que leva alguma amiga em sua casa. Pode-se pensar que a excitação por parte do pai de Jane em relação às amigas da filha, causa um enorme desconforto nela. Pode-se compreender que neste momento, Lester tem dificuldades em conciliar seus desejos sexuais com a limitação imposta pela vida em civilização, e pelo tipo de relação social que tem com Jane, um laço familiar consanguíneo.

Relacionando o que pode ser identificado nesta cena do filme com o que foi abordado pelos autores na revisão de literatura, pode-se pensar que o olhar é um dos elementos primordiais da atração sexual. A excitação sexual por parte do personagem está em um primeiro momento, relacionada à exigência de trabalho constante das suas pulsões sexuais, em especial, a pulsão escópica.

Observa-se que Lester não encontra uma satisfação sexual com sua esposa. Deste modo, pode-se pensar que tenta resolver esta situação fantasiando com uma amiga da filha. Ele recorre ao prazer auto-erótico, como uma das formas que encontra para atingir a satisfação sexual, e eliminar suas tensões internas, uma vez que a pulsão pode ter diferentes objetos e caminhos para atingir a meta.

Portanto, a masturbação é uma das várias formas como a sexualidade se manifesta, e muitas vezes as pessoas podem tentar aliviar as tensões provocadas pelo sentimento de fracasso e de insatisfação em sua vida, seja pelo trabalho ou pela relação

conjugal e familiar, retomando aspectos auto-eróticos. Deste modo, o ato masturbatório é uma das formas possíveis que o personagem encontra para descarregar estas tensões. Ainda, ele diz na cena 1, que a melhor parte do seu dia é quando se masturba no chuveiro.

A categoria 2 refere-se ao olhar para si mesmo. As cenas estão relacionadas a aspecto mais narcisistas, e a forma como os personagens percebem os investimentos do outro para eles mesmos. Nesta categoria, o olhar e a pulsão escópica estão voltados para o próprio corpo, ou seja, a partir do escópico é que os personagens idealizam um outro corpo.

Na cena D, aparece Jane consultando seu saldo bancário e buscando na internet cirurgias para aumentar o tamanho dos seios. Em seguida, ela vai até o espelho e examina seu corpo. A cena E retrata Lester olhando seu corpo no espelho, sendo que o mesmo se percebe acima do peso. Nisso, ele começa a praticar exercícios físicos para aumentar e definir seus músculos.

Em ambas as cenas, há em jogo um olhar para o próprio corpo. Freud (1910/2013) afirma que as pulsões relacionadas ao olhar são inicialmente auto-eróticas, o próprio corpo é contemplado na infância. Integrando o que pode ser identificado nestas cenas do filme, com o que foi abordado pelo autor na revisão de literatura, pode-se pensar que quando Jane e Lester observam sua aparência no espelho, há um olhar para o próprio corpo. Portanto, há a presença da pulsão escópica voltada para si mesmo, ou seja, de maneira auto-erótica.

Lazzarini e Viana (2006) consideram que o corpo na perspectiva psicanalítica é erógeno, pulsional, e inserido na linguagem. Além disso, está relacionado à história do sujeito e aos seus desejos inconscientes. Garcia-Roza (1999) aborda que se trata de um corpo fantasmático, ou seja, o desejo se dirige para este fantasma, e não para o corpo real.

Segundo Nasio (1992), é o eu quem vê as imagens do mundo. Entre o eu e o mundo das imagens, há a instância do Imaginário, como uma “ponte” que liga estas duas dimensões. Deste modo, o eu ideal está relacionado a um ideal imaginário, aquele desejado e esperado. A imagem do eu que reflete no espelho fica carregada de uma idealização.

O autor ainda enfatiza a importância da imagem inconsciente do corpo. Considera que existem duas imagens corporais distintas e indissociáveis: a

representação mental de nossas sensações corporais e a imagem especular da aparência do corpo. Esta última é vista pelo social e pelo mundo externo (Nasio, 2007).

Na categoria 2 é possível observar o que referem os autores, pois os personagens idealizam um outro corpo. Jane e Lester observam sua aparência no espelho, e esta imagem fica carregada de um ideal imaginário. Deste modo, pode-se pensar que há a presença de um corpo fantasmático, pois os personagens buscam um ideal. Na cena E, Lester começa a malhar para aumentar e definir seus músculos. Na cena D, Jane busca cirurgias para aumentar o tamanho dos seios.

Observa-se nestas cenas um desejo dirigido ao próprio corpo. A imagem refletida no espelho contém um eu ideal e imaginário. Como referido pelo autor acima, a instância do Imaginário é uma “ponte” entre o eu e as imagens do mundo. Em ambas as cenas, o eu de cada personagem percebe a sua imagem no espelho, imagem que vem do mundo externo, e a idealizam de outra forma.

Não há apenas a presença do real, mas também do Imaginário. Além do corpo real, há em jogo um corpo ideal que não existe no real, por isso é fantasmático. E como é possível de ser observado, o desejo se dirige ao fantasma. Jane tem o desejo de ter seios maiores, e Lester tem o desejo de ter músculos maiores e definidos.

A partir das cenas do filme e do que consideram os autores, pode-se pensar que a imagem que reflete no espelho é a imagem especular. Nas cenas D e E, as imagens de Jane e Lester que refletem no espelho, são especulares.

Nasio (2007) postula sobre a influência dos outros na construção da imagem de si, que seria composta pelo que vem do próprio corpo, pelo que vem da linguagem, e pelo que vem da história de vida. Deste modo, pode-se pensar que na cena D, Jane construiu sua imagem corporal (a de que poderia ter seios maiores) com base também no que é valorizado pelo social. Também na cena E, Lester constrói uma imagem corporal (de que poderia ter músculos maiores e mais definidos) com base nesta mesma valorização da sociedade vigente.

Na cena D, é também possível pensar na representação de corpo feminino. Birman (1999) considera que a feminilidade tem valor significativo na experiência da sedução. Esta se configura no campo do olhar, buscando atrair o olhar do outro. Além disso, está em jogo o corpo erógeno, na maioria das vezes, o corpo feminino, que se torna o cenário da sedução.

Para Mota e Leal (2007), há um ideal de corpo presente na sociedade atual. Buscar este ideal pode proporcionar gozo e satisfação, à medida que o sujeito se

submete aos olhares normatizadores, que apontam como este corpo deve ser. Deste modo, a mulher almeja um ideal fálico.

A partir do que enfatizam os autores, pode-se pensar que quando a personagem demonstra que gostaria de ter seios maiores, percebe-se uma possível relação com esta experiência de sedução, com o intuito de captar o olhar dos outros através do corpo que gostaria de ter. Além disso, há o dizer da sociedade vigente sobre como o corpo ideal feminino deve ser. Desta forma, pode-se pensar que há um gozo por parte da personagem, em buscar este ideal e seguir o olhar do outro, um outro que normatiza como seu corpo deve ser, no caso, ter seios maiores.

A categoria 3 aborda o ser olhado pelo outro. Em cada uma das cenas, é possível perceber que os personagens utilizam o próprio corpo para captar o olhar do outro. Há um jogo entre o prazer ativo de olhar e um possível exibicionismo. Esta busca por captar o olhar do outro, ocorre de acordo com as diferentes demandas psíquicas de cada personagem.

Birman (1999) aponta para o fato de que com o princípio da sexualidade poliforma, a pulsão sexual pode ter diversos objetos. O órgão sexual e reprodutor é apenas uma das possíveis fontes de prazer. Deste modo, na presente categoria, tem-se a pulsão escópica e o olhar como uma das possíveis formas que a sexualidade se apresenta, e o olho como uma fonte de libido.

Na cena F, Angela e Jane estão conversando no carro. Angela diz para sua amiga que sempre que entra nos lugares, os homens a olham. Diz: “Os caras sempre babam por mim... Meus colegas pensavam em mim quando se masturbavam... Se gente que eu não conheço me olha e quer me comer... Significa que tenho chances de ser modelo”.

Na cena G, Angela vai à casa de Jane. Elogia Lester, olhando para o seu braço, e diz que dá para perceber que está praticando exercícios físicos. Na cena H, em uma briga com sua mãe, Jane leva um tapa no rosto. Em seguida, vai até o seu espelho e olha como está seu rosto. Em seguida, dirige-se à janela, onde pode ser vista por Ricky. Jane começa a tirar sua roupa e fica nua da cintura para cima.

Retomando os escritos freudianos de 1910, entende-se que a reversão em seu oposto e o retorno ao próprio indivíduo são alguns dos possíveis destinos da pulsão. Freud utilizou como exemplo o par voyeurismo e exibicionismo (ver e ser visto) para descrevê-los.

Freud (1910/2013) ao descrever o circuito da pulsão escópica, considerou que esta se inicia no autoerotismo, na infância. Já na etapa final, está em jogo o prazer ativo de olhar e contemplar um objeto alheio, com o exibicionismo, no qual o próprio corpo é contemplado e olhado por um terceiro. Nasio (1992) retoma Freud e descreve estas duas últimas etapas como o olhar e o ser olhado. O autor ainda enfatiza que o olhar como satisfação pode ser também chamado de gozo.

Percebe-se nestas cenas, o olho não apenas como fonte de visão, mas também uma possível fonte de libido. Deste modo, Freud (1905/1996) refere que a excitação sexual pode ser despertada pelo olhar. Quinet (2002) dá ênfase no olho como uma zona erógena, que consegue investir à distância o objeto sexual, obtendo prazer por este investimento imperceptível. A pulsão escópica e o desejo de olhar não possuem função fisiológica e não são da ordem da necessidade.

É possível relacionar estas colocações dos autores com a cena F, quando Angela relata que ao entrar nos lugares, pessoas desconhecidas a olham e conseqüentemente a desejam. De forma semelhante, na cena G, Lester consegue ser olhado e desejado por Angela, quando começa a aumentar e definir seus músculos.

Em ambas as cenas, pode-se perceber o olho como zona erógena, que consegue “tocar” o objeto sexual à distância. Na cena F, quando Angela capta o olhar de desconhecidos que a desejam. Na cena G, quando Lester capta o olhar de Angela, que também o deseja. O olho é mais do que um órgão de visão, é também uma zona erógena e fonte de libido. Desta forma, tem-se o olhar como objeto da pulsão escópica.

Quinet (2002) retoma que o olhar é um dos objetos que causam desejo no sujeito. Como ocorre na cena G, pode-se pensar que Lester é afetado pelo olhar de Angela. Ao descobrir que ela gosta de homens com músculos, começa a malhar os seus, e consegue ficar mais atraente para ela.

De modo semelhante, na cena F, Angela é afetada pelo olhar dos homens e de pessoas desconhecidas, quando conta com grande satisfação para sua amiga, que gosta de atrair a atenção dos outros. Nesta cena, pode-se perceber a presença de um possível gozo relacionado ao exibicionismo, o “ser olhado”, na personagem.

Quinet (2002) considera que a pulsão oral e a pulsão anal cedem seus significantes para a pulsão escópica. De modo semelhante, na cena F pode-se perceber a pulsão escópica com um significante da oralidade, quando Angela diz: “Se gente que eu não conheço me olha e quer me comer...”. Na fala da personagem, há o significante “comer”, característico da pulsão oral, junto ao olhar.

Retomando Birman (1999), o autor enfatiza sobre a importância da feminilidade na sedução. O cenário da sedução é na maioria das vezes, o corpo feminino, que busca captar o olhar alheio.

A obra freudiana de 1905 traz que o olhar está relacionado a um prazer ativo, e o ser olhado a um prazer passivo. O autor ainda pontua que na puberdade aparecem as características sexuais masculinas e femininas. Desta forma, nas meninas, há uma tendência em aparecer as pulsões sexuais na forma passiva.

Quando a personagem demonstra um possível gozo relacionado ao fato de que consegue ser olhada pelos outros, percebe-se uma possível relação com esta experiência de sedução e com esta passividade. A feminilidade tem presença marcante na sedução, sendo que Angela é uma adolescente considerada fisicamente atraente e com traços considerados femininos.

Sobre a beleza, Quinet (2002) enfatiza que é a pulsão escópica que faz uma pessoa ser considerada bela. A libido provém do olho, e é responsável pelo atributo de beleza do objeto sexual, causando desejo no sujeito. Pode-se observar o que refere o autor na cena G, quando Angela elogia o corpo de Lester, olhando para o seu braço. Ela diz que dá para perceber que está praticando exercícios físicos. A libido que emana da pulsão escópica é responsável por considerar belo o seu objeto sexual. Neste caso, o corpo de Lester.

Nasio (1992) considera que o olhar pode ser também uma espécie do objeto *a*, no qual não é palpável, pois não possui uma imagem, não é especularizável e nem materializado. Mota e Leal (2007) complementam afirmando que o objeto *a* corresponde ao olhar que o Outro devolve ao sujeito, possibilitando a construção de uma imagem. O objeto *a* instaura os objetos posteriores e possíveis para o sujeito.

Na cena H, tem-se a pulsão escópica em um contexto diferente das cenas F e G. Neste caso, a mãe de Jane a agride no rosto. Em seguida, a personagem vai até o espelho para ver o local onde havia levado um tapa. Minutos depois, Jane vai até sua janela, em frente à casa de seu namorado, para que ele a veja, e fica nua da cintura para cima.

A partir do que consideram os atores, percebe-se que o olhar que o Outro devolve ao sujeito, é que possibilita a construção da sua imagem. A cena H mostra uma relação conturbada entre mãe e filha, a ponto de haver uma agressão. Jane é uma personagem que não está satisfeita com sua aparência física, e nesta cena percebe-se uma possível relação disso com a construção da sua imagem e reconhecimento do outro,

como sua mãe. Pode-se dizer que quando Jane vai até a janela e fica nua da cintura para cima, busca reconhecimento e ser vista por um outro, no caso o seu vizinho e namorado Ricky.

A categoria 4 aborda as fantasias em relação ao outro como objeto de desejo. O que estas cenas possuem em comum, é o corpo feminino representado de uma maneira na qual a castração e a ausência do falo são de certa forma escondidas. Percebem-se as relações entre o olhar e a pulsão escópica com o corpo feminino.

A cena I retrata o primeiro momento em que Lester vê Angela, a amiga de sua filha. Isso ocorre quando ela e as outras líderes de torcida estão se apresentando no jogo de basquete. Lester observa a apresentação, e depois de alguns segundos, seu olhar é focado apenas nela. Em seguida, começa a fantasiar uma dança erótica por parte dela, como se estivesse dançando apenas para ele, e a ponto de quase tirar sua roupa. Nisso, aparecem pétalas de rosa para cobrir seus seios.

Para discutir a cena I, considera-se importante retomar novamente a pulsão escópica. Freud (1905/1996) refere que o olhar pode despertar a excitação da libido. Quinet (2002) considera que o olho possui a capacidade de “tocar” à distância o objeto sexual, obtendo prazer por este “toque” invisível. O olhar, objeto da pulsão escópica é o menos palpável, e o olho é a zona erógena mais distante do seu objeto sexual.

Nesta cena, percebe-se que há a presença da pulsão escópica e do seu objeto, o olhar, quando a excitação da libido é provocada no personagem a partir do primeiro momento em que ele olha para Angela. Lester está na arquibancada, e Angela se apresentando na quadra de esportes. Mesmo com esta distância, o olho como zona erógena consegue “tocar” à distância o objeto sexual.

Nasio (1992) considera um possível gozo através da satisfação pelo olhar. Este gozo é ligado ao orifício da pálpebra do olho, pois as zonas erógenas são sempre bordas do corpo que se contraem e dilatam. Deste modo, na cena I, pode-se dizer que Lester tem um possível gozo e satisfação relacionada ao olhar, quando pela primeira vez observa a amiga da filha, e começa a fantasiar uma dança erótica por parte dela.

A cena J retrata o momento em que Lester está deitado com Carolyn na cama do casal. Ele olha para cima e imagina Angela quase nua, apenas coberta por pétalas de rosa em seus órgãos sexuais, no teto de seu quarto. Em seu pensamento, diz que parece que esteve em coma por 20 anos, e que só agora está acordando.

Em relação à cena J, observa-se que Angela aparece quase nua, com pétalas de rosa cobrindo seus seios e seu órgão sexual. Freud (1905/1996) considera que quando o

corpo possui algumas partes ocultas, acaba despertando a curiosidade. O sujeito que contempla este corpo busca revelar o que está oculto. Quinet (2002) aborda que o belo é resultado da sublimação da pulsão escópica, que no início se dirige apenas aos órgãos sexuais. Desta forma, pode-se pensar que na cena J há uma forma de sublimação da pulsão escópica, quando Lester fantasia Angela quase nua, coberta por pétalas de rosa.

Retomando Quinet (2002), o olhar afeta o sujeito, causando-lhe o desejo. O olhar como satisfação pode ser o objeto *a*, causa do desejo na Psicanálise. Além disso, Nasio (1992) enfatiza que o objeto *a* não tem imagem, e não pode ser materializado. Quando o personagem diz que parece que esteve em coma por 20 anos, e que só agora está acordando, pode-se pensar que ele “acordou” a partir do momento em viu Angela. Considerando que o olhar causa desejo no sujeito, e que pode ser um gozo ou satisfação, Pode-se relacionar esta cena com um possível encontro com um objeto perdido, que pode ser entendido como um desdobramento do objeto *a*, pois o personagem “acorda” e vai ao encontro como desejo.

Pode-se perceber o que referem os autores na cena J, quando Lester diz que parece que esteve em coma por 20 anos, e que só agora está acordando. É possível pensar que este “acordar” pode estar relacionado ao olhar enquanto objeto *a*, causa do desejo, e não materializável, pois isso ocorre quando Lester vê Angela pela primeira vez.

Na cena K, Lester levanta-se da cama durante a noite e vai até o banheiro. Abre a porta, e encontra Angela nua na banheira, coberta por pétalas de rosa. Ele se aproxima, e quando vai encostar a mão no órgão genital dela, acaba acordando. Nisso, ele aparece se masturbando ao lado de Carolyn, que também acorda. O casal começa a brigar e discutir sobre sua relação, com Lester dizendo que é o único que ainda tem desejo sexual.

Segundo Neri (2005), a subjetividade é moldada por um jogo entre poderes, discursos, e agenciamentos libidinais. É marcante o papel da cultura e da política, pois o modelo que afirma a existência de dois sexos, masculino e feminino, corresponde ao capitalismo e à família burguesa. Como a família de Lester, Carolyn, e Jane no filme, sendo que nesta cena em específico, observa-se o homem como aquele que tem desejo sexual e que busca satisfazê-lo, e a mulher contendo suas pulsões.

Birman (1999) aponta para o fato de que a feminilidade opera pela lógica fálica, a presença imaginária do falo no pênis, e deste modo, a ausência no corpo da mulher. O autor enfatiza que na feminilidade encontram-se traços da angústia e do

trauma, como o desamparo, finitude, incompletude, e fendas corpóreas. Para Freud (1931/1996), a mulher é um tabu em sua totalidade.

Freud (1905/1996) descreve o complexo de castração, em que as crianças elaboram de forma inconsciente a presença do pênis em todos os seres humanos. Garcia-Roza (1999) enfatiza que a oposição entre os sexos é marcada pela castração. Segundo Soler (2003), Lacan reformulou a lógica dos gêneros, pelo todo-fálico nos homens e o não-todo fálico nas mulheres.

Integrando o que referem os autores com a cena K do filme, percebe-se uma possível relação da fantasia do personagem, com o corpo feminino, o não-todo fálico, e a castração.

Angela aparece nua na banheira, coberta por pétalas de rosa. Neste sentido, estas pétalas escondem os órgãos biológicos femininos, e possivelmente a castração e ausência do falo. Estas rosas acabam por esconder os traços da angústia e do desamparo relacionados ao feminino, como a finitude, incompletude, e fendas corpóreas. Deste modo, quando Lester vai tocar na sua genitália, é interrompido por estímulos externos, e acaba acordando. Neste momento, pode-se pensar que o personagem é interrompido quando ia ao encontro com a castração e ausência do pênis na mulher.

Nasio (1992) enfatiza que o olhar veicula a ameaça de castração. Ao ver o corpo desnudo de uma mulher, no qual falta um pênis imaginário, é provocado um horror à castração. Neste sentido, é necessário haver também a ameaça de castração que vem do olhar. Garcia-Roza (1999) aborda que o desejo se dirige para o corpo fantasmático. Deste modo, o desejo do personagem se dirige para o corpo imaginário que ele supõe que Angela possa ter.

Segundo Marinho (2007), a objetificação do corpo feminino é uma das respostas à ansiedade de castração que a feminilidade provoca. Desta forma, a castração é recusada e trocada por um papel erótico de objeto. Pode-se perceber isso na cena K, quando ao erotizar a melhor amiga da filha em sua fantasia, é uma tentativa de substituir a castração por um papel erótico de objeto. Porém, essa tentativa é falha, pois em seu sonho o personagem vai ao encontro da ausência do pênis imaginário, que supõe de maneira inconsciente, que o corpo feminino possa ter.

Portanto, pode-se pensar que o personagem principal do filme possui um possível conflito psíquico inconsciente em relação ao não-todo fálico que o feminino pode representar. Em momentos de desamparo, ele recorre a fantasias eróticas em que o outro é objeto de desejo, mais especificadamente, um corpo feminino. Porém, suas

fantasias são barradas pela castração. Ele diz que sente como se tivesse perdido algo, e tenta “buscar” isso a partir do momento em que vê a amiga de sua filha, “acordando” e iniciando uma busca pelo próprio desejo. Entretanto, quando tem suas fantasias eróticas, aparecem novamente a falta e a incompletude, a ausência de um falo imaginário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos propostos no presente estudo, de caracterizar a pulsão escópica, descrever sobre o corpo em Psicanálise, especialmente o feminino, e caracterizar o feminino no imaginário psíquico e social, à luz da perspectiva psicanalítica, considera-se que foi possível refletir acerca destes temas. Trouxe pressupostos relevantes para contextualizar estes fenômenos, e compreender quais processos psíquicos que podem envolver estas duas interfaces.

Na perspectiva psicanalítica, o olhar como objeto de uma pulsão ganha um novo status. É uma das formas possíveis em que a sexualidade se apresenta no ser humano, para além da genitalidade. O olho passa a ser visto como um órgão fonte de libido, e a pulsão escópica ganha enorme importância no psiquismo do sujeito, pois faz parte de vários processos de constituição psíquica, entre eles, a veiculação da castração. Ressalta-se que a pulsão escópica não encontra a mesma sustentação que as pulsões oral e anal, pois não há uma fase escópica no desenvolvimento libidinal freudiano, sendo constituinte da libido do próprio sujeito. Desta forma, é paradigmática da pulsão sexual.

Neste sentido, considerou-se a importância de pensar em possíveis contribuições da Psicanálise sobre as relações entre o corpo feminino e a pulsão escópica. A partir do artefato cultural, o filme “Beleza Americana” (1999), foi possível pensar nestas relações. Dentre elas, destacam-se: o autoerotismo, o ideal do eu e a imagem especular, o olhar como objeto de uma pulsão que causa desejo no sujeito. Além disso, a ansiedade de castração que o feminino impõe, na sua posição psíquica de um não-todo fálico, e a importância do escópico para a veiculação desta castração.

Os trechos selecionados da obra cinematográfica enfatizaram a vida do personagem aos 42 anos, que está cansado e insatisfeito com seu emprego, e com sua relação familiar e conjugal. Porém, quando pela primeira vez observa a melhor amiga de sua filha, resolve recomeçar sua vida. Desta forma, foram abordados aspectos relacionados com seu sentimento de fracasso e insatisfação, o olhar para si mesmo, o ser olhado pelo outro, e as fantasias em relação ao outro como objeto de desejo.

O personagem lida com seu desamparo retomando aspectos autoeróticos, que são desencadeados a partir do olhar. Já na primeira cena do filme, ele diz que sente como se tivesse perdido algo, sem saber exatamente o que. Em outra cena, o mesmo diz que parece que esteve em coma por anos, e que só agora está acordando. É possível

pensar que ele “acorda” e começa a ir à busca do próprio desejo, a partir do primeiro momento em vê a amiga da filha, ou seja, do olhar como objeto causa do desejo.

Entretanto, na pesquisa em Psicologia, muitas vezes torna-se complicado estabelecer relações causais, principalmente tendo como referencial teórico a Psicanálise. Torna-se difícil realizar um entendimento a partir de um delineamento mais padronizado e com causas e efeitos. Sendo assim, optou-se por um delineamento qualitativo, com caráter exploratório e interpretativo. A interpretação do artefato cultural foi feita pela análise de conteúdo, e sua relação com o material teórico pelo método do emparelhamento. Permitindo, desta forma, alcançar os objetivos do presente estudo: pensar em possíveis relações entre a pulsão escópica e o corpo feminino, sob a perspectiva psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. Editora 34: São Paulo.
- Coutinho Jorge, M. A. (2005). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais*. Zahar: Rio de Janeiro.
- Birman, J. (2005). *O mal-estar na modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social*. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento): 203-224. <https://doi.org/10.1590/S0103-73311998000100007>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed: Porto Alegre.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1976).
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 03-42) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). Lembranças encobridoras. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 3, pp. 285-306). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899).
- Freud, S. (1996). O mal estar na civilização. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 73-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996). Um caso de histeria, os três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). Sexualidade feminina. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 233-251). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (2006). A dissolução do complexo de Édipo. In J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 193-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2013). *As pulsões e seus destinos*. Edição Bilingue. Autêntica: São Paulo. (Trabalho original publicado em 1910).
- Garcia-Roza, L. A. (1999). *Freud e o inconsciente*. Zahar: Rio de Janeiro.

- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ªed. São Paulo: Atlas.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Zahar: Rio de Janeiro.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1997).
- Lazzarini, E. R. & Viana, T. C. (2006). O corpo em psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Maio-Agosto 2006, Vol. 22 n. 2, pp. 241-250.
- Marinho, A. C. P. (2017). A estrutura patriarcal do olhar: uma análise da objetificação do corpo da mulher na imagem. Disponível em: < <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/1884> >. Acesso em: 02 de Junho de 2020.
- Nasio, J. D. (1992). *O olhar em Psicanálise*. Zahar: Rio de Janeiro.
- Nasio, J. D. (2007). *Meu corpo e suas imagens*. Zahar: Rio de Janeiro.
- Neri, R. (2005). *A Psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.
- Plon, M. & Roudinesco, E. (1997). *Dicionário de psicanálise*. Zahar: Rio de Janeiro.
- Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais, ver e ser visto na psicanálise*. Zahar: Rio de Janeiro.
- Soler, C. (2003). *O que Lacan dizia das mulheres*. Zahar: Rio de Janeiro.